

A COMPETIÇÃO, ALAVANCA DO PROGRESSO OU FATOR DE DESINTEGRAÇÃO SOCIAL

Wilson Moura*

Instituto de Psicologia da UERJ

O psicólogo social Wilson Moura, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), relaciona o clima de competitividade ao recrudescimento do “medo do outro”, responsável pela violência.. Ele busca nos filósofos Existencialistas (a solidão humana) e nos frankfurteanos (a falsa consciência) a evidência de que, historicamente, a insegurança existencial do homem, aliada a crença na pseudo-naturalização do darwinismo social, acabaram por contaminar a convivência social. Observa-se que a ênfase, cada vez maior, na competitividade, como condição de sobrevivência, dificulta ainda mais os esforços para a cooperação e a integração entre as pessoas. Afinal, quem compete tende a ver o outro como um inimigo... O medo do outro, principalmente daqueles que consideramos diferentes, se acentua. O afastamento, a discriminação, a exclusão do outro, passa a ser uma constante. Diante da escassez, o que interessa é vencer, o que significa vencer o outro.

Logo, a existência social, única alternativa à solidão, em vez de ser “conviver” (ou viver com o outro) passa a ser um superar, um submeter , um vivera despeito do outro. No contexto atual de enxugamento constante do mercado de trabalho, os lugares que restam são para os melhores, os mais competentes. E o outro, portanto, deve ser eliminado, mantido afastado, como uma ameaça . O avanço da tecnologia foi fundamental para resolver problemas de produção. Entretanto, a velocidade das mudanças deixa o homem atônito e impotente para lidar aquilo que ele mesmo criou. Os efeitos perversos, nem sempre são visíveis, ainda mais diante de um “encantamento com a tecnologia”. E no final, o homem tem as suas condições de vida determinada pela tecnologia. Onde trabalha o robô, não há lugar para o homem. O desemprego estrutural, a diminuição contínua de postos de trabalho, dá origem a uma farsa : o mito da “empregabilidade”. O apelo qualificação, num mundo de desqualificados.

A responsabilidade, então, pelo desemprego é daquele que não se preparou adequadamente para um “mercado”, cada vez mais exigente de qualificações, mais competitivo nas suas oportunidades. A exclusão produzida pela tecnologia instala o medo - os que trabalham temem perder o seu lugar. “Ter que matar um leão por dia’, ser flexível, versátil, são as máximas para quem quer manter a sua “empregabilidade” e, portanto, evitar a sua “descartabilidade”. Moura só vê uma possibilidade para o homem – é a integração –, mas o que ocorre, na prática, é a desintegração, com o investimento maciço na competitividade. Louva-se, em tese, o trabalho em equipe, mas ele se torna cada vez mais difícil, quase uma utopia. O Brasil mais avançado convive com esses problemas, mas há uma outra dimensão do país, excluída do progresso

técnico, na qual ainda reina um espírito colonialista, escravagista e perversamente excludente. É o reino dos milhões de analfabetos e de analfabetos funcionais. O problema é histórico, não se resolve de uma tacada. A saída é a educação de massa, mas ela é um desafio de tal forma oneroso que acaba sempre postergado. Prefere-se, diz Moura, investir em tecnologia e, por conseguinte, na exclusão, Ele não tem dúvida, porém, de que, para o Brasil e para o mundo, só há um caminho – e ele não é o da competição, mas o do nivelamento pela educação, primeiro passo a alcançar no grande desafio da integração. E, esta, somente será possível pela via do conhecimento.

* Publicado, originalmente, na Revista RUMOS, ANO 26, Nº195, abril 2002

** Professor de Psicologia Organizacional, Psicologia Social das Organizações e Psicologia Social do Poder do Instituto de Psicologia da UERJ